

ESTUDOS ESSAYS

Uma Santa e Três Cavaleiros: a Propósito da Igreja Paroquial do Lumiar

Miguel Alarcão
(NOVA-FCSH/CETAPS)

À/Em memória da Dr^a Maria Fernanda Cabral (1932-2018)

Em Janeiro de 2018, no decurso de uma ida à Igreja de S. João Baptista, Lumiar, reparámos numa inscrição na parede lateral norte, que, transcrita em português moderno, rezava assim:

Aquí nestas três sepulturas jazem enterrados os três cavaleiros ibernios que trouxeram a cabeça da bem aventurada Santa Brizida virgem natural de Ibernica cuja relíquia está nesta capela per memória do qual os oficiais da mesa da bem-aventurada Santa mandaram fazer este em Janeiro de 1283. (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5063: 2) (Fig. 1)¹

1 AQUI.NESTAS.TRES.SEPVLTVRAS.IAZE.ENTERADOS.OS.TRES.CAVALROSIBERNIOS.QTROVXERÃ.ACABEÇA.DABE.AVETVRADA.S.BRIZIDAVRGE.NATVRAL.DIBERNIA.CVJA.RELIQVIA.ESTA.NESTA.CAPEILA.P.^aMEMORIA.DOQVAL.HOSOFICIAISDAMESA.DABE.AVENTVRADAS.MÃODARÃO.FAZER.ESTE.EIANRO.D.1283^o.

De acordo com a mesma fonte, "(...) foi nesta altura [meados do séc. XVI] que foi descoberta a relíquia de Santa Brígida, passando a igreja a assumir, durante este século, a invocação de Santa Brígida; (...)" (*Ibidem*, 3), além da "(...) colocação [séc. XVII] de uma lápide no exterior, alusiva à lenda de Santa Brígida e aos três cavaleiros que foram sepultados na capela construída para honrar a santa e guardar a sua relíquia; (...)". (*Ibidem*)



Fig.1

Não é nosso propósito proceder a qualquer caracterização histórico-artística do monumento, aliás minuciosamente feita neste verbete, disponível no *site* do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) e onde o trecho citado surge antecedido da respectiva descrição técnica.² De qualquer forma, a referência a três cavaleiros medievais suscitou-nos, enquanto anglicistas particularmente interessados no estudo da Idade Média, o desejo de realizar alguma investigação sobre os factos narrados e a própria Santa irlandesa. Para tanto, contámos com a disponibilidade e a ajuda generosas do Prior, Pe. João Caniço, e da Junta de Freguesia do Lumiar, que, através da Dr^a Joana Melo Antunes, nos ofereceu o bellissimo álbum comemorativo dos 750 anos da criação da freguesia (1266-2016), coordenado por Fernando Afonso Andrade Lemos. Aqui ficam, pois, publicamente lavrados os nossos mais vivos agradecimentos às personalidades e instituições envolvidas.

2 "Inscrição funerária e comemorativa da instituição de capela gravada num silhar, embutida na fachada N. da igreja, num campo epigráfico delimitado por moldura simples filetada. Calcário. Topo inferior esquerdo com fractura. Tipo de letra: capital quadrada do século XVI." (*Ibidem*, 2)

Em primeiro lugar, e apoiando-nos nas informações fornecidas pelo SIPA e no folheto informativo, de autoria anónima, sobre a Igreja Paroquial do Lumiar, convirá referir a data de criação da freguesia (1266, como se disse)³ e a instituição da respectiva igreja (1276), consagrada a S. João Baptista e S. Mateus.⁴ Ambas as medidas foram tomadas no reinado de D. Afonso III (1248-1279), que, aliás, possuía uma propriedade em cujo solo foi construída a primitiva igreja. Esta propriedade viria, por sua vez, a estar na origem do Paço do Lumiar, posteriormente doado, em 1312, por D. Dinis (1279-1325) a seu filho bastardo, o Infante D. Afonso Sanches (c.1288-1328), após a partilha dos bens do 1º Conde de Barcelos, D. João Afonso de Menezes (m.1304).

Igualmente do “Rei Lavrador” terá sido a decisão (1318) de doar o padroado da igreja ao Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, fundado em 1294⁵ e confiado à Ordem de S. Bernardo, apesar da oposição de D. Frei Estêvão, Bispo de Lisboa (1312 ou 1313-1322). Nessa carta régia, pode ler-se:

Em nome de Deus ámen. Sahibã quantos esta carta vire que eu don Deniz pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarve, en senbra com mha molher Raynha dona Isabel, e cõ nosso filho Ifante don Affonso, primeiro herdeiro, aa onrra e a serviço de Deus e da Virgê Santa Maria sa madre, e en rremimento de meus pecados, dou, e doo, e outorgo, pera todo senpre, ao meu mosteiro de San Denis de Odivelas todo o padroado e todo direito que eu ei, e de direito devo aaver, en a igreja de San Johane do Lomear, e en a igreja de San Juiaão de Freelas, que son en termho de Lixboa, assi como eu esses padroados mais conpridamente ei e de direito devo aaver. (...)

E por esta doaçõ seer firme e estavil pera todo sempre, mandei dar aa Abadessa e cõveto do dito mosteiro esta mha carta seelada do meu seelo do chubo. (Sousa, 23)⁶

3 “ (...) identificada tradicionalmente na obra de D. Rodrigo da Cunha a 2 de Abril de 1266, e formalmente documentada em 1276 (...)”, como escreve Pedro Delgado Alves. (*Apud* Lemos, 5)

4 “Em meados do séc. XVI, a igreja teve por algum tempo a invocação de Santa Brígida, o que poderá estar relacionado com a redescoberta (nas obras de reedificação) de uma relíquia que, segundo a tradição, perpetuada em inscrição do séc. XVII, foi trazida da Irlanda, em 1283, por três cavaleiros que depois foram sepultados na capela construída para honrar Santa Brígida e guardar a sua relíquia.” (Consiglieri *et alii*, 82)

5 Ou em 1296, data avançada por Sousa, 10 e Consiglieri *et alii*, 81; cf. também *infra*, n. 7.

6 A doação da própria igreja – que não do padroado, note-se – data de 1334 e deve-se a D. Teresa Martins, viúva de D. Afonso Sanches.

Ainda no século XIII e aparentemente contrariando a sua intenção original, D. Dinis terá ordenado a trasladação da relíquia da Santa para a igreja do Lumiar, mas, além da História, também a lenda viria a estreitar as relações, algo crispadas, entre o Lumiar e Odivelas.⁷ Desta lenda subsistem pelo menos duas versões, evocadas por José Maria Cordeiro de Sousa num pequeno opúsculo:

Conta-nos uma velha lenda que, ordenando o bom rei D. Dinis a fundação do seu mosteiro de Odivelas, se lembrara de presentear as reverendas filhas de S. Bernardo com uma autêntica relíquia da Virgem-Mártir Santa Brígida, que para tal faria trazer da longínqua Ibéria; ou acaso de lá lha terão mandado como oferenda devota para as madres habitadoras da nova casa claustral. (...)

Mais acrescenta a lenda que três nobres cavaleiros irlandeses portadores da Sagrada Relíquia, cansados da jornada e temerosos de penetrarem pelo negror da noite no denso olivedo do vale que os separava do mosteiro; [sic] resolvem pernoitar no alto da colina, junto aos Paços do Infante D. Afonso Sanches.

Manhã alta, quando o sol não despontava ainda das bandas da charneca de Nossa Senhora do Funchal, e se dispunham a descer a encosta, dão pela falta da Relíquia. E qual não foi a surpresa ao vê-la suspensa no cimo de um pinheiro que então ali se erguia.

Julgando cada qual que algum dos outros, por cautela, lá a tivesse posto, foram buscá-la, seguindo seu caminho. Mas eis que, ao chegarem a Odivelas, verificam cheios de espanto, que de novo a Relíquia desaparecera. Algum mais animoso volta atrás, pressentindo milagre, e de novo depara com ela em cima do pinheiro.

Pela terceira vez o caso se repete, e então o povo alvoroçado pede ao Bispo, que seria ao tempo D. João de Soalhães, para que a milagrosa Relíquia fique no Lumiar, na ermida se acaso então já existia, ou na que a piedade do Rei ali manda logo edificar. (Sousa, 5-6)

7 “O mosteiro foi fundado pelo Rei D. Dinis em 1294, e viu as obras concluídas entre 1304 e 1305, sendo transmitido ao abade D. Roberto da Ordem de Cister. A primitiva Igreja do Lumiar, mandada erigir por D. Afonso III, e a criação do seu padroado sofreram um revês com D. Dinis, (...) que faz uma doação deste padroado ao Mosteiro de Odivelas. Tal facto fomenta o surgimento de contendas entre a Igreja do Lumiar e o referido mosteiro quanto à posse da Relíquia da santa padroeira dos irlandeses.” (Lemos, 185)

Outra versão conservada num desaparecido livro do cartório paroquial contava-nos que, chegados os três cavaleiros ibérrnios portadores da Relíquia ao Lumiar, "(...) não foy possível passarem adiante", e então a deixaram na igreja. Mas as arrelhiadas bernardas é que não se conformaram com a perda de tão valiosa dádiva, e trataram de requerer "que lha levassem ao seu mosteiro processionalmente" todos os anos pelo mês de Maio, até que em certa ocasião, havendo-a recebido com "ladainhas e rogaçoens", se negaram a restituí-la. Então Santa Brígida, decerto indignada com a feia acção das madres, faz com que, "por seu gosto e expontânea [*sic*] vontade", a sua cabeça apareça miraculosamente 'em huma madrugada sobre huma grande árvore que se achava defronte da porta-travessa desta igreja paroquial. (*Ibidem*, 6)

Ainda que de forma sintética, o verbete do SIPA também menciona o episódio da relíquia rebelde:

(...) segundo a lenda, em 1293, D. Dinis tentou por duas vezes colocar o crânio de Santa Brígida, trazido da Irlanda por três "cavaleiros ibérrnios", no Mosteiro de Odivelas e nessas duas vezes o crânio foi visto milagrosamente à porta da Igreja de São João Baptista, onde finalmente foi depositado e guardado pelos três devotos até à sua morte; os cavaleiros encontram-se sepultados na mesma capela da santa, a que alude lápide epigrafada no exterior. (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5063, 5)

Efectivamente, e conforme as fotografias reproduzidas permitem documentar, (Fig.2) o alçado lateral norte apresenta-nos, além da lápide cujo texto começámos por transcrever, a respectiva versão em português moderno e três sepulturas e respectivas lápides tumulares, numeradas de 1^a a 3^a.



Fig.2

Além da visita à Capela, ao relicário em prata e cristal (Fig.3) e à imagem da Santa, (Fig. 4) cuja identidade, porém, permanece controversa,⁸ sugere-se a observação atenta dos belíssimos azulejos, reproduzindo cenas da vida da orago, sobre a qual, todavia, não se sabe muito, conforme nota Donald Attwater:



Fig.3

⁸ Segundo o pároco, trata-se não de Santa Brígida, mas de Santa Escolástica. Sobre este ponto, veja-se “Imagem de uma Santa” em Lemos, 185-189.

Brígida, abadessa. N. em Faughart (?) c. 450; m. em Kildare, c. 523 (...). Na Irlanda, Santa Brígida, “a Maria dos celtas” só é ultrapassada em reverência por S. *Patrício*, mas são diminutos os factos fidedignos sobre ela. Os numerosos relatos (...) apresentam uma personagem forte, alegre, compassiva, imbuída de uma caridade resplandecente: muitas das maravilhas relacionadas com ela serviam para satisfazer as necessidades espirituais e físicas dos outros. O grande facto da sua vida é a fundação em Kildare de uma comunidade de mulheres, embora (...) sobre este assunto pouco se saiba. Mas Brígida foi sempre encarada como a iniciadora e a abadessa da primeira comunidade religiosa de mulheres e parece ter tido uma posição singular na Igreja irlandesa mesmo em vida. Morreu e foi sepultada em Kildare, mas aquando das invasões dinamarquesas os seus restos foram transportados para Downpatrick, para voltarem a ser sepultados, dizia-se, com os de S. *Patrício*. (82)⁹



Fig. 4

9 “A pesquisa das vidas dos santos primitivos depara com dificuldades especiais. Entre estas contam-se as mesmas que outros historiadores e biógrafos enfrentam: número reduzido de registos, ausência de fiabilidade, incertezas ou contradições, interpretações incompatíveis, etc. Mas a par destas, acrescenta-se em particular a ‘selectividade’ do material disponível. (...) Um elevado grau de autenticidade e de historicidade factual é um elemento bastante raro em toda a (...) literatura hagiográfica primitiva. Encontramos mitos, folclore, lendas e ficção romântica e edificante; o que não é muito diferente do que se passa com muitas novelas históricas.” (*Ibidem*, 14-15)

No prólogo redigido para o álbum supracitado, o Pe. João Caniço destaca a "(...) prioridade absoluta dada à justiça e à caridade, em que a gloriosa Santa Brígida se empenhou durante toda a sua vida", (Lemos, 7) enquanto o folheto informativo sobre a igreja e a enciclopédia coordenada por H. R. Loyn acrescentam, respectivamente, algumas informações relevantes:

Santa Brígida nasceu por volta de 450, em Faughart, na Irlanda, filha de mãe cristã e pai pagão. Vendida como escrava por seu pai ao rei de Leinster, foi posteriormente libertada. Fixou residência no sopé do monte Croghan com mais sete companheiras, dando início à vida conventual feminina na Irlanda. Em 490 fundou em Kildare – de *Cill-Dara*, "Igreja do Carvalho" – o seu mais famoso convento, importante centro religioso e cultural, onde morreu a 1 de Fevereiro de 525.

Santa Brígida, Padroeira da Irlanda, é considerada, com São Patrício, um dos grandes pilares da formação e cristianização do país. (...)

Santa Brígida é venerada em todos os países celtas e por todo o continente europeu, havendo relíquias suas em vários pontos da Europa. Para Portugal vieram relíquias muito significativas a pedido do rei D. Dinis, (...). (Anónimo, n.p.)

Bridget (Brigit), St (d. c.525) "Born (...) near Kildare, she was baptized by St Patrick (...). Later, she is said to have founded the monastery of Kildare and thus to have contributed substantially to the spread of Christianity in Ireland. Little else is known of her life which is shrouded in legend, but her cult was certainly popular, being second only to that of St Patrick himself. Her Life was translated into Old French, Middle English and German and in England and Wales many churches were dedicated in her honour. (Loyn, 61)

A vertente fundacional e a própria proeminência de Santa Brígida justificariam, a nosso ver, uma comparação com a abadessa Hilda de Whitby, tanto mais que é (re)conhecida a influência do cristianismo de matriz celta, oriundo de Iona (e, em última análise, da Irlanda), na evangelização do Norte e Nordeste de Inglaterra até, pelo menos, à realização do Concílio de Whitby (663 ou 664, consoante as fontes).

Regressando, porém, à realidade portuguesa, em 1283 é criada uma feira de gado no largo da igreja, feira essa que coincidia com a data da celebração religiosa dedicada a Santa Brígida (1 de Fevereiro).¹⁰ O folheto informativo que vimos citando refere, a este propósito:

Conhecida pela sua hospitalidade e sabedoria, o seu culto esteve sempre associado à vida rural. É geralmente representada como abadessa ou em ambiente campestre, rodeada de animais; (...) São-lhe atribuídos muitos milagres associados a [sic] vida pastoril.

(...) O seu culto no Lumiar esteve também associado à vida rural, incluindo as festas no início de fevereiro, com bênção do gado, romagens e cários a Santa Brígida. (Anónimo, n.p.)

A mesma fonte menciona a existência, no altar da capela, de "(...) uma tela (...) de Miguel António do Amaral (1710-1780); representa a Santa irlandesa em primeiro plano num ambiente rural, e ao fundo, um dos seus milagres." (*Ibidem*) Embora não muito inspirado, o poema "Santa Brígida, monja irlandesa", publicado pelo olissipógrafo e polígrafo lumiarense Júlio de Castilho (1840-1919), em *Fastos Portugueses* (1918), capta a atmosfera local onde se cruzam o comércio, a festa e a devoção populares. É desse poema que, mantendo a grafia da época, citamos a estrofe introdutória:

D'entre a bruma invernal já Fevereiro, [sic]:
 (...)

Reclama o seu lugar. (...) e com elle

A boa monja hibérnia, a santa Brígida,

Filha do quinto século, e que inda hoje

Vive na Historia para exemplo ao mundo.

A sua sisudez, o agrado austero

No colher transviados, a doçura

10 Segundo várias fontes que consultámos (por exemplo, Morais, 17 e 72-73, n.98), a mudança da data da feira de 1 para 2 de Fevereiro ter-se-á dado algures no século XVIII.

Do seu falar, o seu precoce affêro
 À caridade, as fundações piedosas
 Que promoveu, e a graça com que usava
 Repetir, prompta sempre, e sempre meiga,
 “Deixae vir para mim os pequeninos”,
 Toda essa lenda é como luz celeste,
 Que inda illumina o seu fidalgo vulto.
 De Irlanda tres piedosos Cavalleiros
 Transportaram-lhe o crâneo ás lusas plagas,
 A ti, Paróchia minha, que, prestando-lhe
 Culto anual, te ufanas, e a ennobreces. (Mantas *et alii*, 96)

Pedro Delgado Alves, entre muitos outros, alude ao “(...) papel que a relíquia desempenhou na origem da festa e feira (...) que, até ao século XX, mobilizava a população do Lumiar e das povoações envolventes para uma romaria, em cada mês de fevereiro, ao terceiro fronteiro ao templo para benção do gado.” (*Apud* Lemos, 5) Algumas páginas adiante, pode ler-se que este culto “(...) propiciava a riqueza dos campos e a fecundidade dos gados. Deste modo, esta Santa Irlandesa manteve-se cultuada (...). A sua intercessão tornava-se muito relevante para o trabalho agrícola.” (*Ibidem*, 31) Outros autores vão mesmo mais longe:

Tenho até razões para supor que o Rei [D. Dinis] mandara vir a Relíquia, em anos de grande seca, para o Lumiar já então centro de certa importância agrícola, por ser Santa Brígida protectora dos campos e dos gados. E estará porventura aqui a origem daquela tradição, ainda hoje viva, de levarem os gados dos lavradores deste contornos a dar três voltas em redor da igreja no dia 2 de Fevereiro. (Sousa, 7)

(...) atendendo à criação de animais, tradicional na região, e à ocupação humana do Lumiar, que já vinha do período pré-histórico, é provável que esta Relíquia de Santa Brígida, protectora do gado, tenha vindo ocupar o lugar de antigos cultos ligados à fecundidade dos animais e das terras.

Era tradição, na feira anual do dia 2 de Fevereiro, os lavradores darem três voltas à Igreja com o gado, após a bênção. (José Meco *apud* Lemos, 71)¹¹

Como nota a historiadora e investigadora Gabriela Morais, cujos trabalhos, enriquecidos por extensas bibliografias, se inscrevem na esfera da antropologia, da etnografia e da mitologia culturais:

Não esqueçamos que, se por um lado, a cabeça de Santa Brígida veio para a Igreja de São João Baptista, (...) a quem decapitaram, por outro lado, era suposto ter vindo para Odivelas, para o mosteiro, à época em construção, dedicado a (...) S. Dinis, dito de origem francesa. Este santo transporta a cabeça nas mãos, o que nos lembra o herói céltico irlandês Bran, cuja cabeça fazia profecias e adivinhações (...). Este conjunto de coincidências

11 Para fins meramente analógicos, no verbete oficial sobre a Capela de S. Mamede de Janas, de autoria identificada apenas como "PAF", pode ler-se: "O sítio de São Mamede de Janas tem uma longa história de sacralidade, remontando as suas origens, pelo menos, ao período de domínio romano, altura em que aqui se terá edificado um primitivo templo. Dessa estrutura restam ainda importantes vestígios junto aos contrafortes do actual templo, mas a identificação nas proximidades de espólio pré-histórico (...) pode fazer recuar ainda mais a cronologia inicial de ocupação do local, (...)
 (...) No século XIX, o Visconde de Juromenha admitiu a hipótese de aqui ter existido um templo dedicado a Janus (facto que explicaria também o topónimo Janas), mas estudos posteriores sedimentaram a hipótese de se ter tratado de um templo a Diana, pela natural continuidade de culto entre a divindade pagã e o santo cristão (ambos protectores dos animais), pela possível origem do topónimo Janas em Diana (com forma intermédia em Jana, ou lana) e pela circunstância de os templos romanos dedicados a esta deusa serem de planta circular (...). Esta hipótese de interpretação (...), não foi, até ao momento, confirmada ou rejeitada, pelo facto de ainda não se terem realizado escavações sistemáticas no local. Desta forma, apenas sabemos que, antes da actual capela, existiu um outro templo, cujos indícios materiais e conceptuais apontam para o período romano.
 (...)
 A ermida é ainda importante de um ponto de vista antropológico, uma vez que, entre 15 e 17 de Agosto, aqui se realiza uma curiosa romaria de pendor rural, que consiste na condução de gado em volta do templo. A tradição impõe que se façam três voltas rituais no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e, muitas vezes, os seus donos depositam ex-votos no interior, acompanhados de ofertas como trigo, cevada ou azeite (recebendo os animais, em troca, fitas de cores que conservam durante o ano). Esta "troca" devocional continua (...).nos dias de hoje, embora já sem a amplitude de outros tempos, em que chegou a verificar-se a afluência de manadas vindas de uma vasta região que ia de Cascais a Torres Vedras." (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69761>).

de cabeças santas remete-nos para o culto original e remoto, o culto céltico das cabeças. (*Lisboa*, 58)¹²

(...) quase nos atrevemos a dizer que a afirmação da vinda da cabeça de Santa Brígida para ser entregue a D. Dinis (...) é o vestígio simbólico de um 'regresso às origens' do mito (...) tal leva a recordarmos também o mito celta da união indissolúvel da terra com o seu rei, fazendo depender deste a prosperidade e riqueza daquela. (...) Assim, nesta cultura medieva, enquadra-se (...) a continuidade de uma tradição que se reflecte na crença da vinda da cabeça da padroeira irlandesa para Portugal e em toda a panóplia dos rituais seus derivados.

(...)

Parece-nos, assim, termos, nesta história, o retrato de um mito (...), que, apesar da sua aparência católica, encerra, mal disfarçadas, as raízes de uma outra cultura, mais antiga e primitiva, que se manterá ao longo dos séculos. (*Contributos*, 16-17)

Afinal, a principal divulgadora desse judaico-cristianismo, a Igreja Católica, tornou-se, paradoxal e ironicamente, a melhor guardiã desse passado, dessa história que repudiou. Na tentativa de extirpar cultos, costumes, crenças ou rituais que lhe eram anteriores, (...) acabou por preservá-los nas entrelinhas das suas novas imposições. (*Lisboa*, 6)¹³

No âmbito dos frequentes sincretismos entre crenças, práticas e ritos, materiais e mentais, de culturas ditas "pagãs", com tudo o que

12 Cf. da mesma autora, em colaboração com Fernanda Frazão, um estudo mais específico, *Contributos*, 10-22 *passim*.

Sobre este culto, ainda que em contexto bélico, escreve Juliette Wood: "Dedicou-se uma grande atenção ao provável interesse dos Celtas pela caça às cabeças, que deu azo à especulação de que para os Celtas a cabeça era a parte do corpo mais importante e poderosa, em vez (...) do coração, que era tido na mais elevada consideração por outras civilizações. (...) Não obstante, a abundância de artefactos na forma de bustos, cabeças triplicadas e crânios, recuperados em todo o mundo celta, atesta (...) a função transcéltica da cabeça como um importante símbolo do poder." (125) Recorde-se, por último, o episódio da decapitação do Cavaleiro Verde no romance anónimo *Sir Gawain and the Green Knight* (séc. XIV).

13 Esta perspectiva é corroborada por Sousa Viterbo (1845-1910), citado pela investigadora: (...) a maior parte das festas e solenidades que se celebravam nos templos e recintos consagrados às divindades gentílicas foram trasladadas quase literalmente para o calendário cristão (...) Debalde os concílios ecuménicos e os concílios provinciais, os papas e os bispos tentaram cortar pela base as tradições seculares, mas nada alcançaram, e o mais que puderam conseguir foi transformar essas práticas e adaptá-las (...) às doutrinas do cristianismo. (*Apud* Morais, *Lisboa*, 53)

comportam de imemorial ancestralidade, e os seus correspondentes judaico-cristãos,¹⁴ e, simultaneamente, na linha das instruções dadas pelo Papa Gregório I (590-604) ao abade Mellitus,¹⁵ Shirley Toulson defende que "(...) the triple goddess Brigid (...) was absorbed (...) into the person of Brigid, the abbess of Kildare" (23)¹⁶ e "For centuries Brigid and Columba, two of the most celebrated saints of Ireland, were called on as protectors of the cattle, in which a man's wealth was counted." (*Ibidem*, 68; cf. também 73) Estas perspectivas são corroboradas por alguns celticistas consagrados:

The other two Irish seasonal festivals were *Imbolc*, on the first of February, and *Lughnasad* on the first of August. Of all the festivals least is known of *Imbolc*. It was anciently explained as marking the beginning of the lactation of ewes, and it corresponds with the Feast of St Brigid in the Christian calendar. The Saint's pagan predecessor (...) was a potent fertility goddess with perhaps specially emphasized attributes of learning and healing. The goddess Brigid (...) can also be traced on the Continent in place-names and inscriptions. That *Imbolc* may have been especially connected with the tending of sheep seems reasonable, for although this animal possessed no ritual status as did the ox, the boar and the dog, the working of wool was an important element in Celtic domestic economy. (Powell, 148)

Imbolc followed on 1 February. This appears to have been involved primarily with fertility ritual, traditionally associated with the lactation of

14 Veja-se, por exemplo, o poema, em inglês antigo, "Charm for Unfruitful Land", (Kennedy, 71) no qual, além de Deus, é invocada, logo no verso inaugural, uma "Erce, Erce, Erce, Mother of earth". Um dos rituais prescritos neste poema para garantir a fertilidade dos terrenos é a abertura de um sulco e a colocação de um pão do tamanho da palma da mão, humedecido com leite e água benta.

15 "(...) the temples of the idols (...) should on no account be destroyed. The idols are to be destroyed, but the temples themselves are to be aspersed with holy water, altars set up in them, and relics deposited there. For if these temples are well-built, they must be purified from the worship of demons and dedicated to the service of the true God. In this way, we hope that the people, seeing that their temples are not destroyed, may abandon their error and, flocking more readily to their accustomed resorts, may come to know and adore the true God. And since they have a custom of sacrificing many oxen to demons, let some other solemnity be substituted in its place, such as a day of Dedication or the Festivals of the holy martyrs whose relics are enshrined there." (Bede, Leo Sherley-Price, 86-87)

16 "She [Brigid] is the Sophia/Mary spirit of the Celtic Church (...) She is a triad in her own nature; Brigid, the earth goddess; Brigid, the nobly-fathered bastard girl, who was to become a capable and powerful abbess; and Brigid, the mystical spirit (...) who offers protection to mankind." (70)

ewes. Christianity, in an attempt to reconcile the strong attraction of this feast with its own teaching and ritual, made it the feast of St Brigid, who in Irish Christian tradition was made the midwife of the Virgin Mary. St Brigid herself (...) appears to have taken over the functions of a Celtic goddess of the same name and comparable attributes. (Chadwick, 181)

Une autre déesse attestée par des inscriptions aussi bien en Gaule qu'en Grande-Bretagne est *Brigit* (cf. le nom des *Brigantes* dans le Nord de l'Angleterre). Le *Livre des Conquêtes* en fait la fille du Dagda (...) et, selon les dires du *Glossaire de Cormac*, elle est la patronne des poètes, (...). Elle a été apparemment christianisée sous le nom de Sainte Brigitte. Son sanctuaire était à Kildare et l'on veillait à ce que le feu sacré y brûlât toujours. (Dillon e Chadwick, 149)

Se a orientação comparatista e a abertura pluridisciplinar desta publicação abre espaço, conforme acreditamos, para a formulação de hipóteses, com todo o inevitável grau de especulação inerente, suscitou-nos curiosidade a afirmação de que "As well as being the gentle Brigid, she is also the powerful Brigantia to whom a whole territory in north Britain was dedicated." (Toulson, 70) Com efeito, os brigantes eram um dos povos celtas fixados no norte de Inglaterra no período das primeiras invasões romanas (séc. I A.C.), mas, além deste facto, "Brigantia" recorda, fonética e graficamente, "Bragança" e "Brigantino(a)".¹⁷ Estaremos perante um possível sinal ou vestígio linguístico, histórico e cultural, das próprias fixações celtas no Noroeste da Península Ibérica? Afinal, segundo Shirley Toulson,

There was a Celtic Monastery at Sancta Maria de Bretõa [sic] near Mondenedo in Galicia, which was destroyed in the Arab conquest of the seventh century [sic]. The links with Ireland go back long before that, for

17 Para outros exemplos a nível da toponímia europeia, cf. Morais, *Lisboa*, 11-14.

a fifth century Spanish document tells of a settlement in the region called Brigantia, which was in some way connected with Brigid the goddess. (87)

Referindo-se ao também irlandês S. Brandão, monge praticamente contemporâneo da abadessa de Kildare, o insigne Professor e Académico Aires Augusto Nascimento alude às ligações existentes entre a Ilha Verde e a Hispânia:

(...) as relações entre as zonas extremas da Europa ocidental parecem ter desenvolvido relações culturais estritas nomeadamente no que toca às lendas da sua evangelização cristã.

Conhecem-se efectivamente legendas que apontam para uma origem hispânica da cristianização da Irlanda, através dos discípulos de S. Mateus.

Uma antiga legenda pretende igualmente associar o nome de *Hibernia* e *Hibernienses* (nome dos habitantes da Irlanda) com o de *Heberus*, um dos comandantes de uma leva de invasores que procederiam da região do *Hiberus*, ou Ebro, na Hispânia. (78-79)¹⁸

Cabe aqui lembrar rapidamente a co-consagração, ainda que temporária, da primitiva igreja do Lumiar a S. Mateus, durante o bispado de D. Mateus (1259-1282). Terá, pois, essa lendária relação de evangelização unindo a Hispânia (ou Ibéria) e a Irlanda (ou Hibernia) contribuído também, de alguma forma, para o investimento devocional irlandês no templo português? A verdade é que, segundo nos foi dito, a Igreja do Lumiar e a sua relíquia são frequentemente visitadas por turistas e/ou peregrinos irlandeses em viagens a Portugal (e, mais especificamente, Lisboa), complementadas ou não por excursões a Fátima, também ela associada ao mundo rural através das figuras dos três pastorinhos videntes de 1917. No seu estudo sobre o culto das cabeças, escreve Gabriela Morais:

18 “ (...) o nome da Irlanda surge como Hibernia (nome, aliás, constante dos escritos medievais), fazendo recordar a sua fundação mítica pelos filhos de Gatelo, comandados por Hiberno.” (Morais, *Contributos*, 13)

Na verdade, (...) não encontramos até agora documentação que nos comprove haver, entre Portugal e a Irlanda, uma ligação politicamente (...) tão viva à data da chegada da relíquia (séc. XIII), a ponto de justificar a dimensão dessa mesma relíquia. Com efeito, a questão principal (...) prende-se com o facto de se dizer ser ela, nem mais nem menos, a cabeça da santa mais venerada da Irlanda, a sua própria padroeira, (...) retirada assim da sua terra natal para ser deixada nas mãos de um rei de um país estrangeiro. Deste modo, interrogamo-nos se não terá sido para encontrar uma explicação racional (...) que alguns autores mais tardios referem Brigitte como descendente de uma mulher da Lusitânia. (...) independentemente de haver ou não ligações políticas, os dois países pertencem à mesma esfera cultural e tradicional o bastante para justificar, mesmo que simbolicamente, a importância de tal oferenda. (*Contributos*, 13)

Ora, conquanto não seja esse o objecto de estudo neste ensaio, não poderemos deixar de mencionar a alegada existência, na Igreja de São Roque, de uma outra relíquia associada a Santa Brígida, socorrendo-nos para tanto do Pe. João Baptista de Castro:

Lumiar, termo de Lisboa. Na Igreja de S. João se conserva a cabeça de Santa Brígida Virgem, a qual querendo-a collocar ElRey D. Diniz pelos anos de 1300 no Mosteiro de Odivellas, por duas vezes foy vista milagrosamente à porta da Igreja do Lumiar, onde finalmente se depositou, e se guarda em sacrario com particular culto, concorrendo em todo o anno grande numero de pessoas pelos innumeraveis prodigios, que Deus obra por intercessão desta Santa. Na Casa professa de S. Roque de Lisboa tambem se venera a cabeça de Santa Brígida Virgem, e como de tal rezaõ della os Reverendos Padres no primeiro de Fevereiro, donde naõ he certa a advertencia do erudito Jorge Cardoso (...), que diz ser aquella de Santa Brígida viuva, canonizada no anno de 1391 para a distinguir desta do Lumiar. Este ponto só se pudera averiguar bem, se das authenticas constara; mas o certo he que naõ consta: todavia para as differencarmos podemos dizer, que a veneravel cabeça, que está no Lumiar, he de Santa Brígida Virgem natural de Lisboa, (...) e a que está em S. Roque será de Santa Brígida Virgem natural de Escocia. (212)¹⁹

19 Esta passagem consta do tomo II, parte III, cap. VI, intitulado "Das Reliquias Sagradas, mais notáveis que se venerão em alguns Santuarios deste Reino"; (<http://purl.pt/436/4/>) cf. também Morais, *Contributos*, 17.

A excelência estético-artística de manuscritos iluminados como os que integram *The Book of Kells* e *The Lindisfarne Gospels* levou-nos a procurar representações iconográficas de Santa Brígida nas obras de que dispomos, mas a pesquisa revelou-se, infelizmente, infrutífera. Em contrapartida, são largas dezenas as imagens disponíveis na Internet, embora deva chamar-se a atenção para a existência de outra Santa homónima (Santa Brígida da Suécia, 1302 ou 1303-1373), susceptível, pois, de poder ser confundida com a Santa irlandesa.

Por tudo quanto se disse, “Investigar sobre a Igreja de São João Baptista do Lumiar é como participar no filme sobre a Descoberta da Arca Perdida: aventura, entusiasmo, demanda, descoberta! Partir à descoberta de tudo o que fundamente a sequência histórica de um monumento que conta sete centena e meia de anos é, na verdade, um acto aventureiro, nem sempre com consequências positivas.” (Lemos, 9) As dificuldades e os desafios inerentes ao estudo cruzado de referências mitológico-lendárias, dados históricos e antropológicos e relações inter (e intra)culturais envolvendo imaginários e vias de circulação ou transmissão largamente orais inviabilizam, como se compreenderá, conclusões mais robustas. Nesse sentido, e perante a aparente impossibilidade de identificação dos três cavaleiros devotos, matéria geradora de natural curiosidade, concluímos com as palavras do Pe. João Caniço: “Na Idade Média, os nomes das pessoas só estavam escritos no coração de Deus! – Por mais que isso custe aos historiadores de agora, do nosso tempo...”²⁰

Obras Citadas

Almeida, José António Ferreira de (coord.). *Tesouros Artísticos de Portugal*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976.

Anónimo. *Igreja Paroquial de São João Baptista do Lumiar*. Lisboa: Junta de Freguesia do Lumiar/Associação Portuguesa da Cultura e Desenvolvimento, s.d.

²⁰ E-mail datado de 17.06.2018.

- Anónimo [PAF]. “Capela de São Mamede de Janas”. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69761>. Acesso em 08.07.2018.
- Araújo, Norberto de e Durval Pires de Lima. *Inventário de Lisboa*. Fascículo X. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1955. http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/InventariodeLisboa/Fasc10/Fasc10_master/InventariodeLisboa_Fasc10.pdf. Acesso em 10.06.2018.
- Attwater, Donald. *Dicionário de Santos*. Trad. Jorge Pinheiro. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda, 1992 (*The Penguin Dictionary of Saints*, 1965).
- Avellar, Filipa, Lina Oliveira e Sara Andrade. “Igreja Paroquial do Lumiar/Igreja de São João Baptista”. http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5063 (2004); actualização de Ana Rosa (2005). Acesso em 10.06.2018.
- Bede. *A History of the English Church and People*. Tradução de Leo Sherley-Price. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., “Penguin Classics”, 1984 (1955).
- Castro, João Bautista de. *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno, pelo Padre ---, Beneficiado na Santa Basilica Patriarcal de Lisboa*. 2ª ed. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LXII-LXIII [1762-63], 3 vols. http://purl.pt/436/4/hg-4125-v/hg-4125-v_item4/hg-4125-v_PDF/hg-4125-v_PDF_24-C-R0150/hg-4125-v_0000_capa-g_t24-C-R0150.pdf. Acesso em 19.07.2018.
- Chadwick, Nora. *The Celts*. With an introductory chapter by J. X. W. P. Corcoran. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 1985 (Pelican Books, 1979).
- Consiglieri, Carlos et alii. *Pelas Freguesias de Lisboa – O Termo de Lisboa-Benfica. Carnide. Ameixoeira. Charneca. Lumiar*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Pelouro da Educação, 1993.
- Dillon, Myles e Nora K. Chadwick. *Les royaumes celtiques*. Traduit de l’anglais par Christian-J. Guyonvarc’h. Edition française dirigée par Jean Chevalier. Verviers: Nouvelles Éditions Marabout, “Marabout Université”, 1979 (Librairie Arthème Fayard, 1974).
- Kennedy, Charles W. (trad.). *An Anthology of Old English Poetry*. New York: Oxford University Press, 1971 (1960).

- Lemos, Fernando Afonso Andrade (coord.) *Igreja Paroquial de S. João Baptista do Lumiar*. Telheiras: Centro Cultural Eça de Queirós/Junta de Freguesia do Lumiar, Paróquia de S. João Baptista, Lumiar: By the Book, "Júlio de Castilho – Estudos do Lumiar", n° 1, 2017.
- Loyn, H. R. (ed.). *The Middle Ages. A Concise Encyclopaedia*. London: Thames and Hudson Ltd., 1991 (1989).
- Mantas, José *et alii*. *Monografia do Lumiar*. Lisboa: Junta de Freguesia do Lumiar, 2003.
- Morais, Gabriela. *Contributos Portugueses para o Estudo do Culto das Cabeças*. Colaboração de Fernanda Frazão. Lisboa: Apenas Livros Lda., 2011.
- . *Lisboa guarda Segredos Milenares. Santa Brígida, uma Deusa Céltica no Lumiar*. Lisboa: Apenas Livros Lda., "Os Vicentes", n° 7, 2011.
- Nascimento, Aires Augusto. "A *Navigatio Brendani*: da Hibérnia para a Ibéria, ou alguns elos de uma antiga comunidade ocidental". *Anglo-Saxónica. Revista do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Anglísticos, Série II, nos. 10/11 (1999). 63-79.
- Pereira, Gabriel. *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*. Lisboa: Livraria Classica Editora de A. M Teixeira & C^a, 1910.
- Powell, T. G. E. *The Celts*. Preface by Stuart Pigott. London: Thames and Hudson Ltd., 1985 (1958).
- Pronça, Raul (dir.). *Guia de Portugal. Generalidades. Lisboa e Arredores*. Apresentação e Notas de Sant'Anna Dionísio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, "Guia de Portugal", vol. I, 1991 (Biblioteca Nacional, 1924).
- Sousa, J. M. Cordeiro de. *A Igreja Paroquial de S. João Baptista do Lumiar (Breves Apontamentos para a sua História)*. Lisboa: Pia Sociedade de S. Paulo, [s.d.].
- Toulson, Shirley. *The Celtic Alternative. A Reminder of the Christianity we lost*. London/Melbourne/Auckland/Johannesburg: Century Hutchinson Ltd., "Century Paperbacks", 1987.
- Vale, Teresa e Maria Ferreira. "Igreja Paroquial do Lumiar/Igreja de São João Baptista". http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5063 (1998). Acesso em 10.06.2018.
- Wood, Juliette. *Os Celtas. A Vida, o Mito e a Arte*. Tradução de Ana Maria Pinto da Silva. Lisboa: Círculo de Leitores, "Culturas e Civilizações", 2005 (*The Celts – Life, Myth and Art*. Duncan Bairn Publishers, 1998).

